

África dividida quanto à forma de reparação

Da Redação

Com agências

Durban — No segundo dia da 3ª Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância Correlata, os delegados dos países africanos exigiram das nações ocidentais uma declaração formal de desculpas pela destruição causada pelo colonialismo e a escravidão, mas se mostraram divididos quanto ao pagamento de indenizações como política compensatória.

"Uma desculpa formal reconheceria a atrocidade cometida com os africanos e constituiria uma promessa de que isso nunca mais voltaria a ocorrer. Com isso, a questão das reparações deixaria de ser uma opção racional", disse o presidente da Nigéria, Olusegun Obasanjo — um dos 15 chefes de Estado que participam da cúpula de Durban, na África do Sul. Há mais de 16 mil delegados e vários representantes e autoridades de 153 países na cidade. A conferência, patrocinada pela Organização das Nações Unidas (ONU), termina sexta-feira.

O presidente de Togo, Gnassingbe Eyadema, afirmou que a exploração dos negros foi "tão horrível" que seriam necessárias reparações. E citou como exemplo justo o cancelamento da dívida externa dos países africanos.

A questão dos negros continua disputando espaço com o conflito entre israelenses e palestinos na conferência de Durban. Ontem, o líder da Autoridade Palestina, Yasser Arafat, condenou as "práticas racistas" por parte de Israel.

Mas seu discurso foi menos duro do que o esperado. Arafat evitou mencionar a palavra sionismo. Mas considerou a ocupação israelense nos territórios palestinos um tipo de "discriminação racial na sua forma mais desagradável".

O secretário-geral da ONU, Kofi Annan, reiterou ontem que a cláusula que classificava o sionismo como uma forma de racismo havia sido retirada da declaração final da conferência, que deverá ser firmada no fim da semana. "A questão do sionismo versus racismo está morta", disse Annan.

Apesar do ponto final que a ONU quer dar à questão, o presidente cubano, Fidel Castro, voltou a criticar Israel. "O povo palestino está sofrendo um horrível

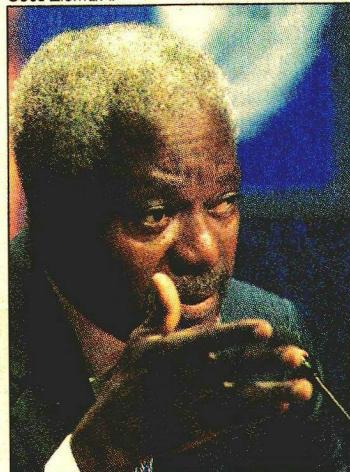
genocídio", disse. O líder cubano também defendeu que os Estados Unidos paguem indenizações aos negros pela exploração de sua mão de obra. Seu discurso arrebatou a platéia da Conferência.

Os presidentes de países integrantes da Liga Árabe se reuniram ontem para coordenar a posição do grupo sobre a declaração final de Durban. O secretário-geral Amr Mousa disse que parte da declaração que condena o tratamento que Israel dá aos palestinos e o reconhecimento do holocausto perpetrado contra os judeus pela

Alemanha nazista eram assuntos que ainda "estavam abertos a uma negociação".

Os Estados Unidos, que enviaram uma minidelegação ao encontro sem funcionários de alto escalão, classificaram parte da declaração preliminar da cúpula como "anti-semita". Segundo a Casa Branca, seus diplomatas abandonariam a Conferência se não forem eliminadas as expressões de condenação a Israel.

Obed Ziolwa/AP



KOFI ANNAN DIZ QUE SIONISMO FICA FORA DO DOCUMENTO FINAL